



VOZ DA FÁTIMA

Como Maria, portadores da alegria e do amor: Louvai o Senhor, que levanta os fracos

EDITORIAL

Sinal de esperança com o regresso dos protagonistas de Fátima

Pe. Carlos Cabecinhas

O Santuário existe por causa dos peregrinos e para os peregrinos. Por isso, o progressivo regresso dos peregrinos, apesar dos condicionamentos impostos pela situação pandémica, é sinal de esperança e motivo de contentamento. O regresso dos peregrinos enche de vida o Santuário, pois eles são os protagonistas de Fátima.

É um facto que, quando referimos os protagonistas de Fátima, pensamos, antes de mais, nos três pequenos videntes, no Anjo e em Nossa Senhora: são as grandes figuras das aparições. Mas na continuidade do fenómeno Fátima, o protagonismo é assumido pelo povo de Deus. Como disse o D. Manuel Gonçalves Cerejeira, Cardeal-Patriarca de Lisboa, não foi a Igreja que impôs Fátima: foi Fátima que se impôs à Igreja. Não foi a hierarquia – bispos e presbíteros – que liderou inicialmente o desenvolvimento de Fátima e daquilo que viria a ser o Santuário, foram os peregrinos.

Foi o povo de Deus que, ouvindo falar das aparições, começou a acorrer à Cova da Iria nos dias 13, a partir de maio, e que em outubro formava já uma multidão impressionante que, segundo os relatos da época, seria de cinquenta a setenta mil pessoas. Foram estes primeiros peregrinos a dar seguimento ao pedido expresso de Nossa Senhora de se construir uma capela no lugar das aparições: a Capelinha, construída em 1919, dinamitada em 1922 e reconstruída em 1923. Foi um devoto leigo de Torres Novas, Gilberto Fernandes dos Santos, que, não encontrando nenhuma escultura de Nossa Senhora que se aproximasse da descrição feita pelos videntes, tomou a iniciativa de mandar esculpir uma imagem para a veneração dos fiéis e que chegou a Fátima em 1920. Foram os peregrinos que determinaram alguns dos aspetos mais emblemáticos e icónicos das peregrinações a Fátima, como é o caso da gestualidade da procissão das velas e do acenar com lenços brancos na procissão do adeus... Em suma, os peregrinos foram os protagonistas da afirmação de Fátima, da receção da mensagem, do crescimento do Santuário e das suas mais expressivas manifestações.

Não se trata de desvalorizar a inegável importância de figuras como a do bispo D. José Alves Correia da Silva ou do Padre Manuel Nunes Formigão, entre outros. Trata-se de reconhecer o protagonismo que os peregrinos tiveram em Fátima desde o início e têm ainda hoje. A hierarquia eclesial, que inicialmente olhou com desconfiança para o fenómeno, usou depois de muita prudência até ao reconhecimento oficial das aparições como dignas de crédito, em 1930.

Porque os peregrinos continuam a ser os protagonistas de Fátima, assistir ao seu progressivo regresso ao Santuário, apesar de todas as dificuldades do momento presente, é sinal de esperança. O Santuário tem procurado oferecer possibilidades de fazer a experiência de Fátima pelos meios digitais, neste tempo de pandemia, mas o nosso desejo é que os peregrinos venham ao Santuário, onde os espaços foram preparados para que todos se sintam seguros.

Fátima preparada para acolher peregrinos estrangeiros

A pandemia alterou o quotidiano do Santuário e afastou sobretudo os peregrinos estrangeiros: espanhóis, italianos e polacos, o top três dos países que visitam de forma organizada a Cova da Iria, tardam em regressar. Mas são as grandes peregrinações da Ásia e da América que deixaram de se fazer.

Carmo Rodeia

Os 277 grupos estrangeiros que no ano passado visitaram em peregrinação a Cova da Iria vieram sobretudo de Espanha, 63% dos quais marcaram presença nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2020, o trimestre que precedeu o primeiro confinamento em Fátima e em todo o país.

Se somarmos aos cancelamentos que se seguiram, mais de 700 grupos, aos que não chegaram a registar-se, como é hábito na dinâmica mensal do Santuário, em cada ano pastoral, é fácil compreender que os grupos estrangeiros são, de facto, os grandes ausentes de Fátima. Sobretudo os que vêm de longe, nomeadamente da Ásia e do continente americano.

Desde 2015, a Espanha lidera o grupo de países que mais peregrinações organiza até à Cova da Iria, ultrapassando a Itália, que até 2010 era a grande líder das peregrinações organizadas a Fátima. Em 2000, ano jubilar, a Itália promoveu 457 peregrinações com 26 648 peregrinos; em 2010, este número ainda subiu para 640 peregrinações, com 30.185 peregrinos, mas, em 2017, desceu para 317 peregrinações, com 11.477 peregrinos.

É neste ano que Espanha supera todos os países europeus na organização de peregrinações, com 544 peregrinações e a presença de 34.178 peregrinos em Fátima. Desde o centenário que



foram 125.

No ano de 2017, por causa da celebração do centenário das aparições, registaram-se 7.110 peregrinações estrangeiras, batendo-se todos os recordes de presença internacional em Fátima. Neste ano quase que triplicaram as peregrinações estrangeiras (7.110 peregrinações em 2017 e 2 711 em 2016). Tam-

o país vizinho tem mantido esta toada: em 2018, voltou a registar o mesmo número de grupos e, em 2019, trouxe a Portugal 565 grupos, com 35.920 peregrinos. Em 2000, Espanha tinha organizado apenas 375 peregrinações, com 26.941 peregrinos e, em 2010, 540 peregrinações, com 34.117 peregrinos.

A Polónia tem disputado com os Estados Unidos da América o terceiro lugar desta espécie de ranking dos países que mais visitam Fátima. Aliás, a ligação do Santuário ao leste europeu é notória, desde logo por causa das referências na narrativa de Fátima a estes países.

A pandemia e as restrições à circulação entre países, sobretudo fora do espaço europeu, acentuaram a ausência de grupos vindos de outros continentes, especialmente da Ásia, onde começou a pandemia, já no final de 2019. Em 2018, entre os 2.785 grupos estrangeiros, chegaram à Cova da Iria, do continente asiático 432 grupos; só da Coreia do Sul

bém a origem destes grupos foi muito mais diversificada em 2017, confirmando não só a universalidade da mensagem de Fátima, mas também a internacionalização do Santuário como espaço de oração, adoração e conversão.

O certificado digital de vacinação e o chamado passaporte verde poderão ser o salvo conduto para o regresso dos peregrinos a Fátima.

“Fátima está preparada para acolher os visitantes”, disse o Reitor na abertura do IX Workshop Internacional de Turismo Religioso, que este ano devido à pandemia se desenrolou em ambiente digital.

“O Santuário de Fátima preparou os seus espaços para garantir segurança sanitária quer aos visitantes, quer aos colaboradores, funcionários e voluntários, e o mesmo fez a hotelaria, a restauração e o comércio”, afirmou.

“Fátima é um lugar seguro e não faltam bons motivos para regressar a Fátima”, afirmou o padre Carlos Cabecinhas.

Santuário como ‘escola de santidade’: da vocação à missão

Simpósio centrado na vida e na santidade de Santa Jacinto Marto contou com debates e reflexões sobre o modo de ser e de viver a santidade a partir do lugar, acontecimento e mensagem de Fátima, na contemporaneidade.

Carmo Rodeia

O Simpósio Teológico-Pastoral “Fátima, hoje: pensar a santidade”, centrado na vida e na espiritualidade de Santa Jacinta Marto, a primeira criança não mártir que a Igreja canonizou, por ocasião do centenário da sua morte, terminou com um apelo claro do cardeal D. António Marto para que o Santuário seja “uma escola de santidade”. “Este Simpósio foi um grande contributo para que o nosso Santuário seja, e continue a ser, uma escola de santidade para o nosso tempo, para o nosso povo, sobretudo os mais simples e humildes, que são a grande maioria dos peregrinos”, referiu o bispo de Leiria-Fátima, no final de três dias de conferências e debates.

“Mostrar o caminho como podemos viver a santidade no quotidiano, na nossa vida concreta, é a verdadeira reforma de fundo da Igreja”, assinalou o cardeal português. “Este é o grande desafio da santidade da Igreja, e estes dias mostraram que a espiritualidade de Fátima continua a ser válida e interpeladora para este nosso século XXI, dando-nos chaves de leitura para esse desafio concreto”, salientou.

A santidade gera “esperança e sentido de vida”

Já na sessão de abertura, o bispo de Leiria-Fátima tinha alertado para o facto de a santidade ser “geradora de sentido e

de esperança”.

Na intervenção ‘Dizer a santidade hoje e para hoje, a partir de Fátima’, salientou que muitos dos santos, em particular os dois primeiros deste lugar, aprenderam a encontrar Deus num mundo ao avesso, confrontado com uma guerra e com a ameaça das perseguições à Igreja.

“Confinar Deus na religião e na Igreja é uma tentação forte face ao mundo difícil, contraditório, global e em crise global em que nos toca viver, mas os grandes santos amaram o mundo do seu tempo em crise”, afirmou D. António Marto.

Lembrando o Papa Francisco na exortação apostólica “Exultai e alegrai-vos”, um dos documentos mais citados nos três dias de debate, D. António Marto referiu que, “na perspectiva cristã, a santidade mostra uma extraordinária força humanizadora e uma grande oferta de sentido e de esperança”, alertando para o facto de não se poder falar da santidade “só como um património do passado”, porque “o futuro da Igreja é também história da santidade”.

“A santidade de Jacinta e Francisco é um exemplo e um apelo a toda a Igreja; cada um tem um perfil espiritual próprio no caminho da santidade: Francisco era mais dedicado à oração e à contemplação e Jacinta vivia mais a compaixão da entrega em favor da humanidade”, disse o cardeal D. António Marto.

Na reflexão, o bispo diocesano assinalou que, no santuário mariano da Cova da Iria, a santidade dos dois pastorinhos “é inspiradora, memória preciosa a não perder de vista, mas a tornar sempre viva e atual”.

Mensagem de Fátima exorta à santidade

Intervindo na sessão de abertura, o reitor do Santuário de Fátima considerou que “pensar a santidade a partir de Fátima faz sentido porque é escola de santidade, quer na mensagem, do Anjo e de Nossa Senhora, quer nos seus protagonistas, nomeadamente nos santos Francisco e Jacinta”. Além disso, apresenta “caminhos e exorta à santidade”, pois os Santos Francisco e Jacinta Marto são “rostos concretos dessa santidade” e através deles a santidade “adquire um rosto familiar, próximo e, sobretudo, desejável e possível”.

Para o presidente da Comissão Científica e Organizadora do Simpósio, Marco Daniel Duarte, “pensar a santidade é uma ousadia”, quer no contexto do pensamento e vivência da humanidade, quer no próprio contexto eclesial, e “vivê-la será a mais feliz das responsabilidades”.

“No decurso de dois mil anos de Cristianismo a expressão de santidade foi sempre tomada como definidora da própria comunidade cristã, no que é a sua

Novos horários convidam a novas visitas

O reitor do Santuário de Fátima admitiu que a pandemia “condicionou toda a ação” da Instituição, “obrigando a um esforço enorme de adequação à nova realidade”. “Entendemos que, apesar de todas as limitações que o momento presente ainda tem, está na altura de recomeçarmos algumas das ações, e o Simpósio Teológico-Pastoral foi uma dessas iniciativas”, referiu o padre Carlos Cabecinhas. “Apesar de todas as limitações, está na altura de recomeçarmos algumas das ações: o Simpósio foi uma dessas iniciativas, o retomar dos Encontros na Basilica foi outra. Temos previsto o Curso de Verão e um conjunto de atividades de caráter reflexivo que tínhamos deixado cair no ano passado e que este ano estamos já a recuperar.”

Para o reitor do Santuário de Fátima, o retomar de atividades presenciais, como o Simpósio Teológico-Pastoral, acontece “com todos os cuidados e com a garantia de segurança para os participantes”, procurando também que “possam chegar mais longe, utilizando os meios digitais”.



identidade e no que é o seu desejo”, assinalou Marco Daniel Duarte.

O Simpósio Teológico-Pastoral contou com intervenções, entre outros, do cardeal Luis Antonio Tagle, prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; D. José Ornelas, presidente

da CEP – Conferência Episcopal Portuguesa; Crispino Valenziano, do Colégio Pontifício de Santo Anselmo; Jerónimo Trigo, teólogo moralista da Universidade Católica Portuguesa e Teresa Messias, da mesma Universidade.



Reconciliação, diálogo e comunhão: três rotas de um destino comum a todos os batizados

O presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), D. José Ornelas, disse que a proposta de santidade visa a “libertação” e a criação de “um mundo novo”, e questionou se esta atitude leva os cristãos a “viver em comunidade” e a entregar “os dons à humanidade”.

“A nossa santidade deixa-se guiar pelo Espírito, pelo viver em comunidade e levar esses dons a toda a humanidade?”, questionou o bispo de Setúbal e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, durante a conferência que proferiu, em Fátima, “A Santidade como reconciliação: recriar o mundo ferido”.

O bispo de Setúbal começou por referir a necessidade de se “clarificar” o conceito de santidade e estabeleceu uma diferença entre a santidade apresentada no Antigo e no Novo Testamento. “Falar de santidade no sentido da reconciliação é já uma opção feita. Santidade e reconciliação são conceitos que podem parecer distantes: santidade significa separação, distinto, descontínuo, e reconciliação significa reunir, reconsiderar, dialogar, reencontrar”, esclarece.

Regressando à Bíblia, o bispo de Setúbal indicou que o anúncio do Evangelho é a “verdadeira santidade”, porque aponta para a “reconciliação dos povos”. “É um apelo a acolher o amor total de Deus, num espírito que transforma, que convida a um modo de vida, a uma atitude. A santidade não é de defesa, ‘não faz isto ou aquilo’. Não. Santo é o que faz e age pela misericórdia, carinho, e age, antes de mais, juntando a Igreja. Apesar da distinção das origens de cada um, a santidade junta todos”, sublinha.

D. José Ornelas propôs alguns quadros bíblicos para falar de santidade e referiu que ao olhar-se para os gestos de Jesus “se aprende a ser santo”.

O prelado destacou que a santidade “não é um modo de ser parado e autorreferencial”, mas exprime-se “em constante dinâmica e comunicação” no interior e para o exterior da Igreja, e, cla-



rificou, “é dinâmico na busca do rosto santo de Deus, sem o qual a Igreja e a vida de qualquer dos seus membros não tem verdade nem consistência; dinâmico na construção e reconciliação da comunhão fraterna tornada possível pelo Espírito; dinâmico no anúncio do Evangelho, através dos sinais de cuidado dos que mais precisam”.

“Colocar a pessoa que precisa de ser curada no meio é a nova lógica de uma santidade que vem ao encontro do ser humano”, disse o presidente da CEP aos mais de 350 participantes que, presencialmente e por via digital, seguiram a sua comunicação.

O prelado, que pertence à Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus, da qual foi Superior-geral entre 2003 e 2015, lembrou que a “autoridade e a força da santidade estão pa-

tentes na palavra e na ação de Jesus” e, por isso, todos os batizados são convidados, em liberdade, a imitarem-No, sobretudo na resistência contra o mal.

“Infelizmente o processo de violência em nome de Deus não se reduz ao tempo de Jesus. Também os seus discípulos, com o passar das gerações, esqueceram o tempo em que, como o Mestre, foram perseguidos e martirizados, deixaram-se levar pelos mesmos processos violentos e tornaram-se perseguidores e promotores de exclusão, perseguição e morte”.

“É muito fácil cair no laço da violência, filha da sede de poder e de domínio próprios da lógica humana de sucesso e de triunfo, e envolver Deus nesse processo”, afirmou, ainda, ao salientar que “a violência nos processos humanos é sempre sinal da falta da presença de Deus ou, mesmo, contrária ao projeto de Deus”. Por isso, concluiu, “tem de soar sempre como a pior das blasfêmias falar de guerra santa, de santa inquisição e de monstros sagrados desse género”. “Manipular, excluir, explorar e matar nunca pode ser feito em nome de Deus, que Jesus veio revelar como Pai”. “Ser santo significa unir-se ao caminho humano de Jesus, em união ao projeto do Pai, e fazer da própria vida um dom ao serviço de transformação e reconciliação do mundo”, concluiu.



A Santidade é um caminho

A santidade não é uma ideia “abstrata ou filosófica”, mas antes um caminho que tem de ser percorrido por toda a Igreja, ciente de que também ela é pecadora, afirmou, por seu lado, o cardeal Luis Antonio Tagle. “As notícias sobre os abusos dentro da Igreja contra pessoas vulneráveis como as crianças, os problemas financeiros, mesmo os conflitos internos dentro da Igreja, colocam a sua santidade em questão”, referiu o prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos, durante a sua reflexão “Crise de santidade: o drama do pecado em Igreja”.

O responsável filipino afirmou que os cristãos “devem ser os primeiros, os mais próximos e os mais disponíveis para ouvir, encaminhar e levar a esperança de Deus aos outros”. “Não podemos esperar ser como Deus; só Ele é verdadeiramente livre do pecado, mas temos a responsabilidade de levar a sua justiça, a sua misericórdia e o seu amor aos outros”, acrescentou.

“Mesmo feridos, os cristãos devem ser os primeiros, os mais próximos e os mais disponíveis para ouvir, encaminhar e levar a esperança de Deus aos outros”, disse o cardeal, sublinhando que “é isso que nos torna santos”. “O chamamento à santidade chega-nos, hoje, em situações de rutura como o tráfico humano, a escravatura, a exploração de pessoas. Parte da nossa santidade é olharmos para estes sinais horríveis de pecado, que percorrem a humanidade, e sermos o rosto de Deus para estes irmãos e irmãs”, esclareceu ainda. “A santidade de Deus é a Sua bondade, o Seu amor que é diferente do amor e do poder humanos”, afirmou ao sublinhar que “a nossa condição não pode conter a santidade de Deus. O povo de Deus está chamado a ser um sinal da santidade de Deus”.

“A multidão reunida em Fátima, em múltiplas e variadas ocasiões, é uma interpelação [...]. Este movimento apresenta organicidade própria [...]. O que acontece no Recinto de Oração não é só liturgia, todos os serviços que são serviços são executados para que os peregrinos façam experiência do encontro com Cristo e Sua mãe [...]. A liturgia é uma atividade comunicativa entre Deus e o Homem, e a multidão de Fátima não escapa a isto”

JOÃO ELEUTÉRIO
Professor da Universidade
Católica Portuguesa

“Em Fátima os peregrinos são convidados todos os dias a acenderem uma luz de esperança, a renovarem a sua consciência batismal e a assumirem a beleza da sua filiação divina [...]. O círio pascal torna-se sinal desta luz que irradia e se acende no coração de cada peregrino chamado a deixar-se envolver pela graça da Páscoa [...]. A liturgia do Santuário deve oferecer a possibilidade dese deixar envolver na luz do Evangelho que aqui brilha”

JOAQUIM GANHÃO
Diretor do Departamento de
Liturgia do Santuário de Fátima

A Voz da Fátima agradece os donativos enviados para apoio da sua publicação

Propriedade e Edição

Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima
Fábrica do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360
AVENÇA – Tiragem 60.000 exemplares
NIPC: 500 746 699 – Depósito Legal N.º 163/83
ISSN: 1646-8821
Isento de registo na E.R.C. ao abrigo do decreto regulamentar
8/99 de 09 de junho – alínea a) do n.º 1 do Artigo 12.º

Redação e Administração

Santuário de Fátima
Rua de Santa Isabel, 360; Cova da Iria
2495-424 FÁTIMA
Telefone 249 539 600 – Fax 249 539 605
Administração: assinaturas@fatima.pt
Redação: comunicacaosocial@fatima.pt
www.fatima.pt

Composição e Impressão

Empresa do Diário do Minho, Lda.
Rua de Santa Margarida, 4A | 4710-306 Braga

Assinatura Gratuita

Donativos para ajudar esta publicação:
*Transferência Bancária Nacional (Millennium BCP) NIB: 0033 0000 50032983248 05
*Transferência Bancária Internacional IBAN: PT50 0033 0000 5003 2983 2480 5
BIC/SWIFT: BCOMPTPL

*Cheque ou Vale Postal: Santuário de Nossa Senhora de Fátima
(Morada do Santuário, com indicação “Para VF - Voz da Fátima”)
Não usar para pagamento de quotas do MMF

#FÁTIMA

NO SÉCULO XXI

D. Ivo Scapolo

Entrevista disponível em www.fatima.pt/podcast

“Temos de fazer tudo o que é possível com generosidade e criatividade e depois rezar.”



“Fátima ajuda-nos a pôr em evidência o Evangelho e lembra-nos de que Jesus deu a vida para abrir as portas da salvação a toda a Humanidade”

O núncio apostólico em Portugal presidiu à Peregrinação Internacional Aniversária de junho e foi convidado do podcast #fatimanoseculoXXI, onde reflete sobre a atualidade da mensagem e o seu principal desafio: “a conversão dos corações a partir da configuração ao Coração Imaculado de Maria”.

Carmo Rodeia

D. Ivo Scapolo regressou a Fátima 30 anos depois de ter servido por um período de 3 anos na Nunciatura, em Lisboa. “Encontrei no Santuário uma estrutura ampla e funcional, que permite que todos os que queiram receber o sacramento da misericórdia o possam fazer, e o Santuário é, de facto, este espaço privilegiado”, refere o núncio apostólico ao salientar que o Santuário é um lugar especial onde as pessoas têm a possibilidade não só de rezar à Virgem, mas

também de experienciar a vivência de conversão, que é a chave para uma mudança de vida, seja pessoal seja a de toda a humanidade.

“Fátima ajuda-nos a pôr em evidência o Evangelho. O sacrifício de Jesus na cruz, que se celebra expressivamente no sacramento da Eucaristia, que tem uma presença tão significativa no acontecimento de Fátima, primeiro com o Anjo e depois com Nossa Senhora, chama a atenção dos católicos de hoje que é preciso ser fiel a Jesus, isto é, Jesus deu a vida para abrir as portas da salvação aos homens, a toda a humanidade”, refere. “A mensagem de Fátima ajuda-nos a abrir essa porta a todos, sem exceção”, mas cada um “tem de fazer a sua parte”, acrescenta.

“No nosso coração há coisa boas, mas também muitas coisas más; a Virgem Maria dirige-se ao coração dos pastorinhos, mostrando o seu próprio coração como refúgio e caminho”, recorda D. Ivo Scapolo, mas “nós nem sempre estamos

disponíveis, ao contrário deles”. “Somos chamados a sintonizar o nosso coração com o de Maria e o de Jesus”, adianta ao salientar que essa mudança deve ser observada por todos, políticos e decisores, e sublinha: “nós cristãos temos uma tarefa muito importante”. “Nós somos chamados a trabalhar a conversão dos corações, de forma a que se aproximem mais do coração de Nossa Senhora e de Jesus. Como? Através da oração. Por isso, precisamos de rezar muito pelos nossos governantes, por aqueles que decidem para resolver os grandes problemas da humanidade”, salienta.

“Considero que a mensagem de Fátima, os conselhos da Virgem, a sua insistência na importância da oração e no bem das almas, o seu convite a colocarmo-nos em sintonia com o seu coração e com o do Seu Filho nos dão as linhas certas para enfrentarmos estes tempos mais difíceis, sobretudo diante desta pandemia”, conclui.

“Muitas vezes os problemas multiplicam-se porque há muita gente que não segue estas indicações; não quer transformar em vida concreta aquilo a que Jesus e Nossa Senhora nos desafiam. Ora, nós cristãos, se vivermos de forma concreta o Evangelho, daremos certamente testemunho de que há soluções para enfrentarmos de uma forma mais solidária estes problemas que fazem sofrer a humanidade”, diz ainda.

Sobre a importância de Fátima, refere: “Fátima é muito importante para a Igreja no mundo, já que Fátima é sempre uma oportunidade para lembrarmos ao mundo o que a Virgem nos pediu e que, no fundo, é um programa de atuação concreto para a salvação da humanidade. É certo que somos frágeis e somos apenas instrumentos. Mas se aceitarmos o desafio, será mais simples”, diz o representante do Papa em Portugal. Foi assim que se assumiu durante a peregrinação; é assim que interpreta o seu serviço. “O que o Senhor nos pede é que cada um, no seu carisma e no seu ambiente, possa ser instrumento: a nossa disponibilidade individual para a oração,

para a conversão e para a oferta dos nossos sacrifícios são passos importantes, como nos recorda a mensagem de Fátima”.

“A nossa fé em Jesus ressuscitado leva-nos a querer, com Ele, fazer grandes coisas. A nossa ação é pela oração e pela tomada de iniciativas criativas e corajosas para nos fazermos instrumentos”, esclarece, lembrando, por outro lado, o papel “capilar” da Igreja neste tempo de pandemia, em Portugal e no mundo. “A Igreja tem sido determinante na ajuda para resolver vários problemas”, faz notar.

“Temos de fazer tudo o que é possível com generosidade e criatividade e depois rezar”, sem “nos demitirmos de entrar na coisa pública”, adiantou ao defender que os cristãos devem estar ao serviço, e isso pode passar por uma intervenção direta dos cristãos na política. “Estando ou não, na verdade, o que precisamos é de rezar pelos nossos dirigentes, não os abandonarmos”, acrescenta.

“Cada um que decide entrar no espaço político deve poder contar com a nossa oração; que todos possam formar-se e possam oferecer o seu serviço para o bem de todos”, tendo sempre presente os critérios das bem-aventuranças, remata.

Neste podcast, que pode ser ouvido em www.fatima.pt/podcast ou nas plataformas iTunes e Spotify, D. Ivo Scapolo fala ainda do pedido de consagração da Rússia, que deu “tantos frutos”, e da Jornada Mundial da Juventude de Lisboa que deve um momento “de vivência espiritual para a juventude portuguesa e do mundo inteiro”.

D. Ivo Scapolo nasceu em Pádua, a 24 de julho de 1953, e foi ordenado presbítero a 4 de junho de 1978; entrou no serviço diplomático da Santa Sé em 1984 e exerceu missão nas representações pontifícias de Angola, Portugal, Estados Unidos da América e na secção para as Relações com os Estados da Secretaria de Estado do Vaticano.

Como núncio apostólico, representou a Santa Sé na Bolívia (2002-2008), no Ruanda (2008-2011) e no Chile (2011-2019). Está em Portugal desde a segunda metade do ano de 2019.

PROTAGONISTAS DE FÁTIMA

Apostolado Mundial de Fátima



Um dos protagonistas na divulgação da mensagem de Fátima pelo mundo é o Apostolado Mundial de Fátima que, em 74 anos, tem vindo a assumir, de forma diligente e empenhada, esta missão.

Diogo Carvalho Alves

O Apostolado Mundial de Fátima (AMF) foi fundado nos Estados Unidos da América, numa pequena paróquia de Nova Jérsea, em 1947, com a missão de contribuir para a “nova evangelização” do mundo, através da projeção da mensagem de Fátima.

Esta associação privada de fiéis, que surgiu com a primeira designação de Exército Azul, nascia do cumprimento de uma promessa feita pelo seu fundador, padre Harold Colgan, um ano antes, depois da recuperação de uma doença grave, após pedir a cura a Nossa Senhora. A saúde voltou e, com ela, o desejo de propagar a devoção mariana, primeiro na comunidade e, depois, pelo mundo. A esta demanda viria a juntar-se, quase de seguida, o escritor e conhecedor das Aparições de Fátima John Haffert,

que, na foto acima, se vê com o padre José Galamba de Oliveira, no momento em que a escultura da Virgem Peregrina aterra nos Estados Unidos da América, em 1947, para uma presença que deu um forte impulso à divulgação da Mensagem de Fátima naquele país.

Anos mais tarde, esta dupla viria também a planear, sob a ação do AMF, os famosos “Voos da Paz”, através dos quais a imagem peregrina de Nossa Senhora do Rosário de Fátima foi apresentada como “Rainha do Mundo” em vários países aonde peregrinou.

A 7 de outubro de 2005, dia da Festa de Nossa Senhora do Rosário, o Conselho Pontifício para os Leigos viria a reconhecer o AMF como associação de direito pontifício para a Igreja universal, renovando o carisma desta

associação pública internacional de fiéis: a nova evangelização do mundo através da Mensagem autêntica de Fátima.

Atualmente, o AMF tem milhões de membros em mais de 110 países e continua a crescer, contribuindo para que a mensagem de Fátima chegue ao coração de muitas pessoas e se crie “uma civilização do amor, uma nova primavera para a Igreja, um novo pentecostes mariano”, conforme se lê na página da associação.

É, por tudo isto, inquestionável, a importância da diligente e empenhada ação do AMF na forma célere como a mensagem de oração, conversão e paz, que Nossa Senhora confiou aos três Pastorinhos, se propagou, no último século, pelos quatro cantos do mundo.

A PEÇA DO MÊS

MSE, inv. n.º 820-ESC.II.62
Autor desconhecido, 1997
Madeira esculpida
200 × 120 × 18,7 cm



Cristo Crucificado

Proveniente da Guiné-Bissau, o crucifixo de madeira oferecido ao Santuário de Fátima, em 8 de março de 1998, por ocasião da celebração dos quinhentos anos da evangelização daquele território africano, apresenta tipologia cruciforme de configuração latina, ficando a cruz ladeada por duas placas, de menor dimensão, que conferem um enquadramento nobilitante à cena principal: a Crucificação de Cristo. Cada extremidade da composição surge rematada por doze tarjas esculpidas na madeira nelas se narrando episódios alusivos à evangelização da Guiné-Bissau, justapondo-se a passagens históricas relacionadas com os momentos de tortura e subjugação vividos por aquele povo, cuja formulação permite atribuir identificação simbólica com o próprio martírio da Paixão de Cristo. A cruz é encimada pela pomba do Espírito Santo e aparece ornada de flores, em alusão à cruz florida da Páscoa.

O Crucificado, cujas feições são claramente africanas e cujo corpo mereceu representação em vulto redondo, encontra-se ladeado pelas figuras estilizadas da Virgem Maria e de São João Evangelista e é enfatizado pela cartela com a causa da paixão: JN / RJ (Jesus de Nazaré, rei dos judeus).

A peça escultórica integra a exposição permanente do Museu do Santuário de Fátima.

Museu do Santuário de Fátima

Congressos e outros fóruns académicos sobre Fátima

Marco Daniel Duarte, Departamento de Estudos do Santuário de Fátima

Não passaram mais de três décadas sem que, a partir do ‘corpus’ de conteúdos que consubstancia a Mensagem de Fátima, diferentes tipos de estudiosos tenham levado a cabo fóruns de investigação que procurassem debater, informados pelas fontes em cada época disponíveis, o fenómeno de Fátima. Pode, assim, estabelecer-se uma longa cronologia que inicia na década de 40 do século XX e que, virado o milénio, não foi interrompida, mas antes se viu aprofundada pelos congressos,

simpósios, semanas de estudo e outras jornadas a ter lugar em Fátima, mas também noutras cidades, por vezes fora de Portugal.

Depois dos primeiros passos nos anos 40, 50 e 60 do século passado, este movimento teve um desenvolvimento muito grande nas décadas seguintes. Os anos 80 trouxeram grandes contributos para a fixação destas temáticas, através de congressos importantíssimos sobre os conteúdos de Fátima que se estenderam, já virado o milénio, nos 90 anos das aparições. O tempo da

celebração dos diferentes Centenários de Fátima trouxe uma periodicidade notável a este tipo de fórum que, como a maioria dos anteriores, ficou registado nos textos editados nos respetivos livros de atas.

Entre as diferentes temáticas do âmbito da Mariologia, encontram-se abordados grandes temas que dimanam da História e da Mensagem de Fátima, como são, entre outros, a paz, as marifanias, a reparação, o santuário, os protagonistas de Fátima, a peregrinação.

FÁTIMA AO PORMENOR





OPINIÃO

Pedro Valinho Gomes

Descansar é uma tarefa árdua na qual eu só sei atrapalhar. Confesso que atulho a minha agenda de férias com tantos projetos e encontros e planos de viagens que se torna difícil distinguir a olho nu as semanas de trabalho das semanas de descanso. Não é raro precisar de férias no final das férias (ainda que este argumento surpreendentemente nunca tenha convencido o patrão). Poucas coisas são tão difíceis como a simples arte de fazer nada.

É talvez por esta minha inaptidão para o descanso que recorde frequentemente uma prece do livro de orações da igreja anglicana – *The book of common prayer* – que reza assim: «Eis mais um dia, Senhor. Não sei o que ele me trará, mas que eu esteja, Senhor, preparado para o que quer que seja. Se devo levantar-me, que me levante com

E, ao sétimo dia, atrapalhou

Pedro Valinho Gomes é investigador nas áreas da Teologia e da Filosofia

Fazer nada com elegância é o tipo de descanso a que Deus convida.

coragem. Se devo ficar quieto, ajuda-me a estar pacificado. Se devo deitar-me, ajuda-me a fazê-lo com paciência. E se devo fazer nada, ajuda-me a fazê-lo com elegância. Faz destas palavras mais do que palavras e dá-me o espírito de Jesus. Amen».

Fazer nada com elegância é

nada com elegância. O sétimo dia é um tempo cheio de nada, em que o outro ganha espaço no coração de Deus. Deus descansa na sua criação, contemplando e bendizendo. É isso o descanso: contemplar e bendizer. Deus é mestre em fazer nada de forma elegante.

dado é sinal de que precisamos de aprender como se faz. Vou-me convencendo de que a minha agenda de férias nem sempre tem muito do sofá em que Deus contempla e bendiz. Talvez precise de deixar o outro ganhar espaço no meu coração e de descansar aí como quem encontrou a sua casa.

Thomas Merton toca a ferida da minha mania de atrapalhar: «Alguns de nós precisam de descobrir que não começaremos a viver mais plenamente até termos a coragem de fazer e ver e provar e experimentar muito menos do que o habitual. E para um homem que se deixou arrastar completamente pela sua atividade, nada é mais difícil do que ficar parado e descansar, sem fazer absolutamente nada. O próprio ato de descansar é o mais difícil e mais corajoso que ele pode realizar». Neste sétimo dia que me é dado, tentarei não atrapalhar. Vou pedir a graça de fazer nada de forma elegante.

Que o descanso nos seja mandado é sinal de que precisamos de aprender como se faz

o tipo de descanso a que Deus convida. É ele quem dá o exemplo, no final do trabalho árduo da criação. Os primeiros capítulos do Génesis são de uma candura comovedora. Deus estafou-se a criar o mundo e, terminada a tarefa, deixou-se cair no sofá a contemplar e a bendizer. Já o tinha feito no final de cada dia de criação, como que a dar tempo à relação desprendida com as suas criaturas. Mas precisa de um dia de descanso para fazer

O livro do Génesis não nos diz o que fazia a humanidade, recém-criada um dia antes, enquanto Deus descansava, mas estou em crer que já atrapalhava com esquemas e projetos e uma agenda cheia de coisas absolutamente inadiáveis (como, por exemplo, comer daquele fruto tentador da árvore no meio do jardim). Só assim se justifica que o Deus de Israel decida fazer do descanso um mandamento. Que o descanso nos seja man-

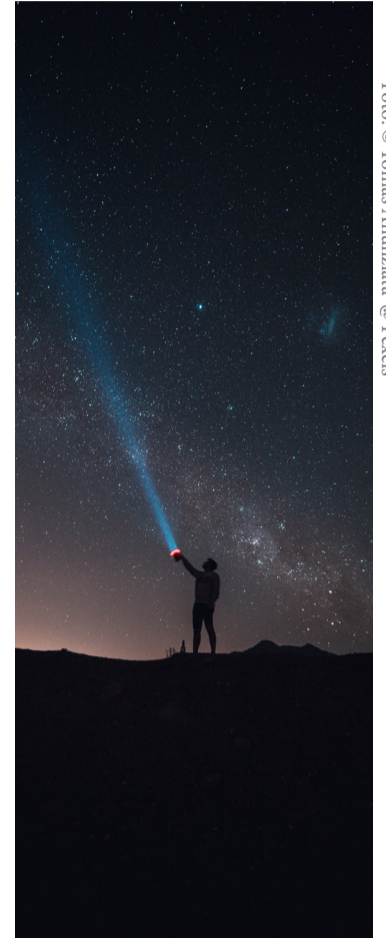


Foto: © Tomas Anunziata @ Pexels



OPINIÃO

Maria João Ataíde

Talvez um dos assuntos mais comentados nos tempos que correm seja o dos migrantes. O *Dia Mundial do Migrante e do Refugiado*, celebrado a 20 de junho, chama sobretudo a nossa atenção para relatos de sofrimento e de frustração.

Na revista *Cais*, o *chef* de cozinha Chakall fala precisamente desta situação de ser migrante e deixa um testemunho e um apelo: “[...] os imigrantes rumam a um outro país com a esperança de uma vida melhor, geralmente com a motivação de dar condições dignas aos seus filhos. Sou filho e neto de imigrantes europeus que, há apenas 100 anos, fugiram de guerras, de regimes totalitários, da fome. Esquecer a nossa História pode tornar-se perverso; a imigração foi e será

Vamos juntos

sempre necessária. Ajudar é intrínseco à alma do ser humano. Lamentavelmente, ignorar e olhar para o lado também” (junho 2021).

Em Portugal vivem cerca de 600 mil cidadãos estrangeiros com título de residência válida, de acordo com o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (Relatório de Imigração, 2020); e é um português, António Vitorino, que ocupa o cargo de Diretor-Geral da Organização Internacional para as Migrações, quem alerta para o seguinte: “[...] Enquanto muitos países estiveram (e ainda estão) bloqueados, devido à pandemia, foram exatamente muitos dos trabalhadores migrantes que continuaram a cuidar dos doentes e idosos, a manter serviços de produção e alimentação em movimento [...]” (Cais, junho 2021).

Aliás, o Papa Francisco divulgou já a Mensagem para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, cuja 107.ª edição se realizará a 26 de setembro próximo,

e exorta-nos a seguirmos “rumo a um nós cada vez maior, a recompor a família humana, tendo o cuidado de ninguém ficar excluído”. O Santo Padre também encerrou, no início de junho, uma sequência de orações a Nossa Senhora Desatadora de Nós, a quem tem especial devoção, pedindo o fim desta terrível pandemia. Nos Jardins do Vaticano, onde decorreram as orações, Francisco afirmou: “São tantos os nós que nos sufocam em torno da nossa existência e amarram as nossas atividades: nós de egoísmo e de indiferença, nós económicos e sociais, nós de violência e de guerra”.

Gostaria aqui de recomendar a leitura da carta apostólica que o Papa Francisco publicou em 11 de maio, com o título *Antiquum ministerium*, tendo como finalidade instituir o ministério de catequista, e que dá a essa missão um relevo merecido, sublinhando a ação dos leigos.

Em relação à pandemia, sabe-

mos que há uma enorme disparidade entre países na distribuição das vacinas contra a COVID-19, mas existe uma organização mundial, a COVAX, que visa tornar mais equitativa a situação, e à qual a Johnson & Johnson prometeu doar 400 milhões de doses da sua vacina, nomeadamente em África, com a vantagem de que bastará uma só toma. Já na União Europeia foi aprovado, e entra em vigor a partir do dia 1 deste mês de julho, o Certificado Digital COVID que atesta a imunização dos seus portadores.

Uma boa notícia para terminar: António Guterres, Secretário-Geral das Nações Unidas, já anunciou a sua intenção de se candidatar de novo a esse cargo, uma vez que o seu mandato termina no final deste ano. O Conselho de Segurança da ONU promove a sua reeleição e Guterres promete continuar a “construir pontes”.

Nós faremos o mesmo. Há muitas pontes para construir!

Pedagoga
A autora escreve segundo a antiga ortografia

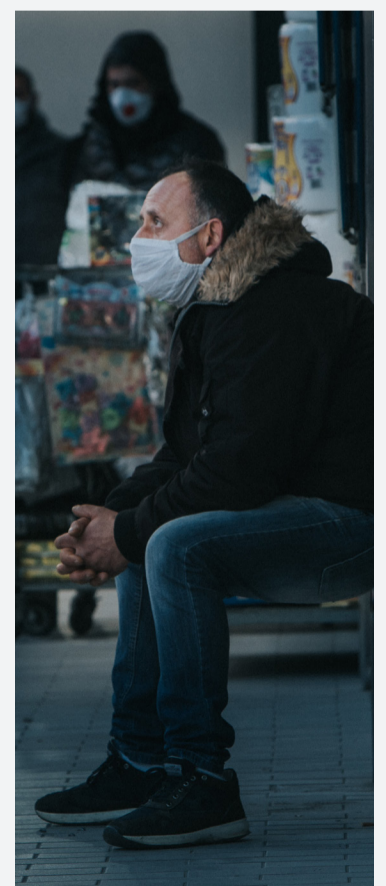


Foto: © Gianni Orfice @ Pexels

Projeto SETE volta a proporcionar aos jovens uma experiência de imersão de voluntariado em Fátima

Iniciativa já acolheu mais de 120 jovens nas edições anteriores.

Cátia Filipe

Pelo quarto ano consecutivo, o Santuário de Fátima vai promover o Projeto SETE, que visa proporcionar aos jovens uma experiência de imersão de voluntariado nos seus espaços, com momentos de oração e serviço aos peregrinos.

Este ano, os jovens, com idades entre os 18 e os 25 anos, serão distribuídos em três turnos. Cada grupo poderá ter no máximo dez jovens, que ao longo de seis dias, e sempre acompanhados por elementos do Santuário, vão integrar tarefas de acolhimento direto, mas também algumas lides de preparação para o acolhimento e outros trabalhos de cariz interno.

Assim, cada participante poderá participar em várias experiências de acolhimento, oração e partilha em diversos espaços, na Cova da Iria, Aljustrel e nos Valinhos, trabalhando no acolhimento dos peregrinos,

no encontro com crianças, contacto com peregrinos mais frágeis, orientações e informação, apelos ao silêncio, visitas acompanhadas, colaboração nas tarefas do Departamento de Hospedagem, nas oficinas, entre outras.

Cada semana conta com momentos de formação para as tarefas propostas, mas também momentos de reflexão sobre o sentido do voluntariado, “um mergulho na mensagem de Fátima e uma experiência íntima e pessoal daquilo que esta mensagem tem para oferecer, para ser possível conhecer-se em Deus”, explicou a Ir. Sandra Bartolomeu, do Departamento de acolhimento e pastoral.

O nome SETE, escolhido para o programa, liga-se à sétima aparição de Nossa Senhora a Lúcia, uma das três videntes de Fátima, após o bispo de Leiria ter confiado a Lúcia

a missão de deixar a Cova da Iria.

Em 15 de junho de 1921, Lúcia visitou a Cova da Iria, com o intuito de se despedir deste lugar. Completam-se cem anos desta aparição que é, possivelmente, pela sua natureza e pela destinatária, uma aparição dirigida a Lúcia e que iria moldar a sua história vocacional. Menos conhecida do que as restantes, não só as ocorridas na Cova da Iria e testemunhadas pelos primos Francisco e Jacinta Marto, mas também as ocorridas em Espanha, esta aparição assume, por isso, um caráter mais místico e molda o caminho de santidade da vidente de Fátima, que viveu sempre longe da Cova da Iria daí em diante.

“É este convite a seguir a própria missão, a vocação que Deus confia a cada um”, na situação particular de serviço no Santuário de Fátima, explica a irmã Sandra Bartolomeu.

O projeto SETE, teve início em 2018, e já acolheu ao longo de três edições, cerca de 124 jovens com diversas vocações e proveniências. Alguns já repetiram a experiência mais que uma vez, e sentem “alegria” em dar o seu tempo de descanso em “serviço aos peregrinos”, diz a Ir. Sandra Bartolomeu.

Cada turno inicia com um momento de acolhimento e termina com uma pequena celebração de envio, memorando estes dias de voluntariado como experiência a ser lembrada e continuada nos caminhos quotidianos de cada um.

O primeiro turno tem data de início prevista para 27 de julho, e o último grupo termina ativida-

des a 15 de agosto. Estas datas poderão sofrer alterações, em consequência da situação pandémica.

“À semelhança do que aconteceu em 2020, também vivemos este ano uma edição muito particular, pelas circunstâncias e para poder salvaguardar as condições de segurança”, indica a religiosa da Congregação das Servas de Nossa Senhora de Fátima.

O alojamento e as refeições ficam à responsabilidade do Santuário de Fátima, no entanto, a participação nesta atividade tem um custo de 20 euros.

Para mais informações, poderão contactar pelo endereço: jovens@fatima.pt



O projecto Sete envolve rapazes e raparigas, de diferentes idades e proveniências, que querem fazer a experiência da espiritualidade de Fátima.

Itinerário do Peregrino 2020-2023 já disponível



O Itinerário do Peregrino 2020-2023 já está disponível nos vários postos de distribuição do Recinto de Oração do Santuário de Fátima e na zona dos Valinhos e Aljustrel.

São duas propostas que pretendem ajudar peregrinos a conhecer os vários espaços do Santuário de Fátima e zona envolvente, numa perspetiva espiritual inserida no tema do triénio “Como Maria, Portadores da Alegria e do Amor”.

O Itinerário do Peregrino 2020-2023 distribuído no Recinto de Oração do Santuário de Fátima começa na Cruz Alta, seguindo para a Capelinha das Aparições. No piso inferior da Basílica da Santíssima Trindade os peregrinos são convidados a contemplar os espelhos de água e a rezar na Capela do Santíssimo Sacramento. Seguem-se os vitrais da fachada da Basílica da Santíssima Trindade, passando pelo monumento ao Muro de Berlim, findando na Basílica de Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

O Itinerário do Peregrino 2020-2023 distribuído na zona dos Valinhos e Aljustrel conduz os peregrinos pela Via-Sacra no Caminho dos Pastorinhos, seguindo até à Loca do Cabeço e monumento dos Valinhos. Posteriormente, os peregrinos são convidados a visitar o Poço do Arneiro e a Casa de São Francisco e Santa Jacinta.

Estes itinerários estão disponíveis em papel, de forma gratuita, nos sete idiomas oficiais do Santuário de Fátima – português, espanhol, italiano, francês, alemão, polaco e inglês –, em vários dispensadores ao longo do Recinto de Oração e no Posto de Informações em Aljustrel.

Brevemente, estarão disponíveis também em formato digital, acessível nos smartphones e tablets, bem como em formato podcast.



MOVIMENTO DA MENSAGEM DE FÁTIMA

 mmfatima.pt
 secretariadonacional@mmfatima.pt
 www.facebook.com/mmfatima.pt

Rua Santa Isabel, 360
 Cova da Iria
 2495-424 FÁTIMA
 Telf. 249 539 679

Convite à oração, apelo à conversão e à Penitência

Ilda Vieira | Secretariado Diocesano do Porto MMF

É numa época de crise, de pobreza, de guerra e de morte que Nossa Senhora aparece em Fátima, no dia 13 de maio de 1917, a três crianças analfabetas que guardavam os rebanhos da família. Nossa Senhora escolheu estas três crianças e confiou nelas. E a verdade é que, através delas, esta mensagem de amor e de paz passou para o mundo e transformou a História do século XX e a história pessoal de cada um. As aparições continuaram até ao dia 13 de outubro do mesmo ano. Fátima é um foco de luz para uma Humanidade conturbada e em profundas trevas.

Recordando a primeira aparição de Nossa Senhora, Lúcia conta o seguinte:

“[...] abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que

era essa luz, mais claramente do que nos vemos no melhor dos espelhos”.

Este testemunho de Lúcia mostra-nos que Nossa Senhora vem da parte de Deus e que através dela nos vemos a nós mesmos em Deus. Isto é, reconhecemos que somos à sua imagem e semelhança e que só podemos ser felizes quando estamos em plena sintonia com Ele, quando temos consciência de que Ele habita em nós e de que somos o seu sacrário vivo. Deus é luz e amor e quer que cada um de nós seja luz e amor.

A Mãe do Céu quer estar presente na nossa vida, como mãe que aconselha, guia e orienta. Ela orienta-nos para Deus, que é a nossa fonte de luz e amor, o nosso Criador. A nossa vida tem sentido. Viemos de Deus e um dia voltamos para Deus.

O nosso grande problema é que nos esquecemos de que somos filhos de Deus, não estamos conscientes de que Ele habita em nós, de que somos o seu

sacrário vivo. Se somos filhos de Deus, somos todos irmãos. O esquecimento de Deus e dos irmãos traz problemas graves. E um deles é o isolamento que conduz ao egoísmo: penso só em mim, naquilo que me apetece e esqueço-me das necessidades e fragilidades dos irmãos. Se me descuido e não faço oração diariamente nem trato os meus irmãos com amor, torno-me um espelho sujo, onde apenas se vê o egoísmo com todas as suas expressões de mal: inveja, violência, guerra, ódio, mentira, hipocrisia, etc.

O pedido de Nossa Senhora à oração e à penitência recorda-nos que Deus se preocupa connosco e nos pede uma mudança de vida. Em cada dia é-nos pedido um processo de conversão permanente. A oração ajuda-nos a encontrar um novo sentido para a vida, a vivermos de forma diferente e a sermos mais felizes, fazendo felizes os irmãos.

(continua na próxima publicação)



A Senhora do silêncio

Padre Dário Pedrosa

Centrada no amor de Deus, uno e trino, Maria de Nazaré é modelo do silêncio que escuta, que acolhe, que se deixa interpelar, que fomenta a intimidade, o diálogo, o desejo de comunhão divina, o encanto de crescer no conhecimento de Deus, da sua Palavra, dos seus mistérios; um silêncio interior que é desejo de amor mais intenso, de contínua fidelidade ao Senhor, no desejo intenso de ser fiel a todos os apelos da divina vontade, ponderando os seus movimentos de alma, as moções do Espírito, os ecos da Palavra de Deus, a presença do Senhor nos acontecimentos. Só no silêncio interior Maria de Nazaré, e cada um de nós, se pode aperceber da moção da graça, da sinfonia do amor que age dentro de nós. Só no silêncio interior Maria se encontrava com o Verbo que já estava no seu ventre, porque se habituou a encontrar Deus em seu coração e em sua alma. Neste silêncio que não é

solidão, mas presença de Deus e do seu amor, Maria de Nazaré, a Senhora dada à oração, ponderava as coisas, os acontecimentos, as dificuldades, as dores e as alegrias em seu coração.

Rebulição do mundo e a necessidade do silêncio

Na turbulência do mundo de hoje, na azáfama e no stresse, no rebuliço da vida, do trabalho, dos meios de comunicação, dos ruídos interiores, no alarido das notícias, tantas vezes falsas ou assustadoras, na avalanche de comunicação, precisamos de treinar a arte do silêncio interior. E se ele é um dom de Deus e ação do seu Espírito, temos de o pedir e suplicar com insistência, caso estejamos convencidos da sua necessidade, da sua urgência, dos grandes frutos que pode dar em nosso ser, em nosso coração, no nosso interior, na nossa oração e reflexão, no nosso modo

de nos examinarmos e de estarmos diante de Deus e no desejo de maior fidelidade ao seu amor infinito. Sem silêncio, sem nos interiorizarmos, sem mergulharmos dentro de nós, na escuta e no desejo de crescimento, não somos felizes, não há verdadeira santidade. Sem silêncio, não é possível a conversão pessoal, não somos ramos fecundos que dão cachos suculentos. Tudo fica vazio, estéril, sem Deus e seu amor, sem fidelidade à Palavra e à graça.

A intimidade com o Espírito

A Virgem Maria procurou no silêncio interior a intimidade de coração, de fé, de oração com o Espírito Santo, seu Esposo divino. Foi Ele, como Santificador e Espírito de Amor, que realizou a encarnação do verbo do Pai, a Quem foi dado o nome de Jesus. Maria percebeu pelas palavras

do Arcanjo que seria o Espírito a realizar o milagre da Encarnação. Mas só no silêncio acolhedor do seu coração, Ela podia aceitar, como serva humilde, o grande desafio que lhe foi proposto. E no silêncio, nada conta ou partilha com São José. E, no silêncio orante, vai a Judá, visitar Isabel e cheia do Espírito reza o Magnificat e proclama as maravilhas de Deus. Os silenciosos são humildes e sabem louvar como Nossa Senhora. Ela vai silenciosa para o Egito, numa vida dura e penosa, sem saber a língua, sem família, sem emprego, como qualquer emigrante. Mas não se lamenta, não se queixa. Guarda a dor no seu coração e, em silêncio, reza a Deus, oferece e aceita.

O “sim” do Calvário

No Calvário, para ter força, ânimo materno para oferecer a vítima e se oferecer com Ela, Maria, só com o silêncio amoroso e

fecundo do seu Coração, podia ser capaz de aceitar oferecer o filho, como cordeiro imolado por amor para a salvação da humanidade. No seu coração de mãe das dores, no silêncio orante, sabe oferecer e aceitar, sabe ser generosa no dom e na oblação. Saibamos recolher-nos em nosso interior, ou no silêncio do nosso quarto, ou diante do sacrário, ou no monte, ou na contemplação da natureza e, em silêncio interior, arranjaremos força e audácia, dadas por Deus, para a nossa vida quotidiana. Os mais silenciosos são os mais fecundos, mais audazes, pois é a eles que Deus, que é sarça ardente, se comunica e incendia os seus corações, o seu amor, a sua palavra, a sua evangelização. No auge da dor, no calvário, ao pronunciar o seu “sim” mais radical e doloroso, Maria de Nazaré, a Senhora do silêncio, é o nosso modelo para uma verdadeira caminhada de santidade, para uma adesão plena à sua vontade.

A Grande Dúvida (Parte 1 – Lisboa)

Manuel Arouca | Responsável pelo sector da comunicação social do MMF

Na Cova da Iria, a 15 de junho de 1921, dá-se a 7.ª aparição, conforme Nossa Senhora prometera a Lúcia. Essa aparição é antecedida por dramáticas dúvidas que assolaram o coração de Lúcia, dúvidas ligadas também à relação com a sua mãe. Esta continuava a não acreditar que Nossa Senhora aparecera à sua filha e sobrinhos. Lúcia e a sua mãe, Maria Rosa, foram recebidas por Dona Assunção Avelar na sua casa senhorial em Lisboa, uma casa com todos os requintes e gosto da aristocracia, e conta Lúcia: “Ela nos recebeu em Lisboa à minha mãe e a mim com muito carinho. Logo se preocupou com a doença da minha mãe e mandou chamar um médico...”.

Quando Lúcia estava de joelhos, em conversa com Nossa Senhora

(antes da Aparição), nesse dia 15 de junho, abrindo o seu coração, desabafando todas as dúvidas, disse-Lhe “– Sabes, minha querida Nossa Senhora, mesmo com todos os problemas, a minha mãe melhorou e fomos felizes ali”.

Maria Rosa estava muito feliz e orgulhosa da filha. Não faltava nada a Lúcia. Tinha a Miss que lhe dava lições de leitura e escrita. Nesse desabafo a Nossa

Senhora, disse Lúcia: “Foi aqui que Vossemecê nos disse para aprendermos a ler e a escrever”. E até lembrou o cómico episódio que recreamos: era de noite e Lúcia estava no seu quarto, na casa da Dona Assunção, com a Miss a pôr-lhe um espartilho. Lúcia estava muito incomodada “– Ó Miss, isso aperta muito”; “– E não és tu que estás habituada aos sacrifícios? E hoje vem gente muito distinta cá jantar! [...]”. E realmente era gente muito importante. Jantar servido com todo o requinte. A Miss estava sentada ao lado de Lúcia

que de tão apertada que estava quase não conseguia respirar nem comer. Um e outro convidado fazia uma e outra pergunta a Lúcia, que ela dificilmente conseguia responder..., até que os convidados de Dona Assunção se envolveram numa conversa que Lúcia não entendia e com

certeza tinha a ver com política e as saudades do regime monárquico. Lúcia não fez por menos, escorregou da cadeira e, quando já estava debaixo da mesa, sem ser vista, saiu da sala de jantar. A própria Miss estava tão embrenhada a escutar a conversa que não deu pela fuga da pastoreira!... E qual não foi o espanto da Miss quando viu Lúcia a des-

cer as escadas, muito sorridente, com a sua roupa de Fátima, chapelinho de veludo com penas coloridas, toda sorridente! E os presentes ao verem-na, incluindo Dona Assunção, interromperam a conversa e riram-se. A Miss, austera, não achou piada alguma: “– A menina o que foi fazer?”. Lúcia respondeu com toda a naturalidade: “– Minha senhora, eu assim não podia comer! Tão apertada como estava, só via a minha mãe a apertar a cilha da burra”. Ouviu-se uma sonora gargalhada geral.

Lisboa, além de ter todas as condições para estudar, representava uma relação muito mais próxima com a sua querida mãe. Mas a grande dúvida surge quando o Bispo a chama e lhe diz que ela vai para o Porto.

Tudo isto se passa antes da 7.ª aparição. No próximo artigo vamos ver como foi essa conversa com o Bispo e o desfecho da situação (com foco na relação de Lúcia com a sua mãe).



Candeias Eucarísticas

Padre Manuel Antunes

Na última reflexão que fizemos, falamos do tesouro escondido e esquecido: Jesus presente nos sacrários.

Hoje vamos recordar alguns testemunhos que nos podem motivar a dar mais atenção à presença de Jesus nos sacrários das paróquias.

Numa cadeia de Paris encontravam-se vários sacerdotes condenados à morte, por serem fiéis à sua missão evangelizadora. Alguém, a seu pedido, conseguiu fazer chegar à cadeia hóstias consagradas que colocaram num lugar escondido e digno. Um deles, em nome de todos, escreveu “já não há prisão, nem solidão, porque temos Jesus como nosso companheiro nesta cadeia bendita, agora transformada em Santuário Eucarístico. Obrigado, meu Jesus”.

Um outro sacerdote disse: “com a presença do Senhor no meio de nós, recordo a primeira comunhão que fiz e todas as vezes que tive nas minhas mãos Jesus, na consagração das missas que celebrei”.

Recordo o que já dissemos da beata Alexandrina da Costa de Balasar: imobilizada fisicamente num quarto durante 34 anos,

fez-se peregrina em pensamento e com o coração, de noite e de dia, do sacrário da sua igreja paroquial. Foi contemporânea dos Pastorinhos de Fátima, embora não se tivessem conhecido, e todos falaram do mesmo Jesus que adoravam. Era o mesmo Jesus que Francisco adorava no sacrário da sua igreja paroquial, dizendo, em resposta às pessoas que lhe perguntavam o que estava ali a fazer há tanto tempo, “estou a consolar a Jesus que está muito triste, porque Nossa Senhora disse que não o ofendessem mais e as pessoas não fazem caso”.

Também Jacinta e seu irmão adoravam Jesus no sacrário da mesma igreja, escondidos no púlpito, para não serem incomodados pelas pessoas. Depois de adoecerem, como já não podiam ir à igreja, diziam a Lúcia: “dá recados nossos ao Jesus escondido e diz-lhe que o amamos muito”.

Mais recentemente, temos o testemunho do jovem italiano Carlo Acutis, que esteve em Fátima algumas vezes e visitou a Lapa do Cabeço e o Poço do Arneiro, onde fez a adoração a Jesus Sacramentado em pensamento e com o coração. O seu desporto predileto era andar de bicicleta, sorridente

para todos, mesmo para aqueles que não professavam a fé católica, como os muçulmanos e de outras religiões. Jesus era o seu amigo predileto; participava diariamente na missa e comungava. Após a comunhão ficava um longo tempo em silêncio contemplativo; ao passar junto das igrejas, acompanhado de sua mãe, dizia: “vamos entrar para cumprimentar Jesus”. Dizia ainda: “os estádios e locais de distração estão cheios de pessoas e as igrejas vazias, é uma falta de fé na presença de Jesus nos nossos sacrários. Libertem-se dos pecados veniais, ficando mais livres para subir ao Céu”. Faleceu aos 15 anos, de forma muito serena e em paz. Antes de morrer, pediu que fosse sepultado em Assis. O seu testemunho depressa se espalhou pelo mundo e o seu túmulo é continuamente visitado por milhares de pessoas. Dez anos depois da sua morte, o seu corpo estava incorrupto. Foi já beatificado pelo Papa Francisco.

Estes e outros testemunhos podem ajudar-nos a sermos peregrinos dos nossos sacrários pessoalmente, quanto possível, ou em pensamento, com o coração.

Jesus espera por nós.



As aparições são a “expressão de um sinal de Deus para com a humanidade”

Núncio Apostólico em Portugal destaca papel de Fátima na construção da história da salvação e promove devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Carmo Rodeia

As aparições de Maria, em diferentes países e continentes, como em Fátima há 104 anos, expressam a atenção de Deus pela humanidade, afirmou o núncio apostólico em Portugal, D. Ivo Scapolo, na homilia da Missa da peregrinação internacional aniversário de junho, a que presidiu pela primeira vez.

Referindo-se ao papel de Maria como mensageira e colaboradora de Deus, afirmou que “Ela, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, continua a colaborar para nos ajudar a cumprir na história da humanidade a missão que seu Filho Jesus deixou aos seus Apóstolos, de anunciar o Evangelho e de batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. É no marco deste grande plano de Salvação que Deus quis que a Virgem Maria interviesse muitas vezes na história da Igreja”.

“Como Mãe da Igreja, Ela ama-nos e cuida de nós; por isso, Ela vem ao nosso encontro para nos

indicar o caminho de conversão a seguir e os instrumentos a utilizar para sermos dignos, um dia, de entrar na Casa de Deus Pai”, esclareceu D. Ivo Scapolo.

“As aparições da Virgem Maria aqui em Fátima, há 104 anos, fazem parte desta missão que Maria está a realizar, pedindo também a nossa colaboração. Como pediu aos três pastorinhos, Lúcia, Francisco e Jacinta, que colaborassem para a salvação das almas, sobretudo para a conversão dos pecadores, assim também hoje nos pede a mesma colaboração”, ressaltou o prelado que representa o Papa em Portugal, desde 2019.

Na segunda homília que proferiu em Fátima, o representante da Santa Sé sublinhou o papel dos Pastorinhos, chamados a colaborar neste plano de Deus. “Podemos dizer que os três pastorinhos são como o grão de mostarda. Apesar da sua fragilidade e pequenez, não obstante

tantas ameaças, incompreensões, dificuldades e obstáculos, graças à obra do Espírito e à ajuda maternal da Virgem Maria, estiveram na origem da realidade deste Santuário de Fátima onde tanta gente, como neste momento, vem abrigar-se à sua sombra, buscando consolação, força, graças para si e para os seus entes queridos”, afirmou.

O núncio recordou, ainda, todos aqueles que acorrem ao Santuário em busca de “consolação”, de “conforto” e de “esperança”, incentivando, pela segunda vez, os peregrinos de Fátima a viverem a devoção ao Imaculado Coração de Maria, de que a Serva de Deus Lúcia de Jesus foi uma incansável promotora. “Sabemos que foi uma missão que a Irmã Lúcia realizou com muita intensidade, fidelidade e perseverança, encontrando um importante apoio da parte dos vários Papas”, salientou o representante diplomático da

Santa Sé, na homilia da celebração da Palavra, que decorreu no altar do recinto de oração na noite da Vigília.

O arcebispo italiano contextualizou, a partir da quarta memória da Irmã Lúcia de Jesus, escrita em 1941, que um dos elementos que caracterizou a segunda aparição de Nossa Senhora, a 13 de junho de 1917, foi o pedido à Virgem Maria que levasse os três pastorinhos “para o Céu”, ao qual a Senhora respondeu: “A Jacinta e o Francisco levo-os em breve. Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para Me fazer conhecer e amar”.

D. Ivo Scapolo lembrou que o Papa Pio XII “estendeu a toda a Igreja” a memória litúrgica do Imaculado Coração de Maria, em 1942, estabelecendo que se deveria celebrar no dia seguinte à Solenidade do Sagrado Coração de Jesus; e o Papa São João Paulo II elevou-a a memória li-

túrgica obrigatória, “para lhe dar maior importância”.

Neste contexto, acrescentou que vários Papas efetuaram a “consagração da Igreja e de toda a humanidade ao Coração Imaculado de Maria”, em comunhão com os bispos de todo o mundo, respondendo aos pedidos da Irmã Lúcia.

Nesta “noite especial”, o arcebispo convidou os peregrinos a fazerem umas das partes do Ato de Entrega a Nossa Senhora de Fátima, que São João Paulo II realizou diante da Imagem da Virgem de Fátima, em 1984, na Praça de São Pedro, no contexto do Ano Jubilar da Redenção. “A força desta consagração permanece por todos os tempos e abrange todos os homens, os povos e as nações; e supera todo o mal, que o espírito das trevas é capaz de despertar no coração do Homem e na sua história, e que, de facto, despertou nos nossos tempos”, declarou.



OPINIÃO

Irmã Sandra Bartolomeu

A aguarela é intrinsecamente uma arte da paciência, do silêncio e do discernimento. A água serve de médium a uma porção de fino pigmento. Muito fino. Tão fino que se torna transparente. Às vezes, tão transparente que pode parecer em vão aquela camada de aguarela. Contudo, perante o papel que espera, virgem, a intervenção da pincelada, todo o pequeno gesto conta e é determinante. Não irremediável, mas irreversível e determinante. Quer aplicada com sábia precisão, quer cobrindo toda a superfície com um gesto informal, a aguarela necessita de silêncio e de tempo: o tempo de esperar que a mancha se expanda, que o pigmento se ajuste, que o papel, conforme a capacidade e a qualidade da sua gramagem, faça o seu trabalho de absorção, etc. Silêncio

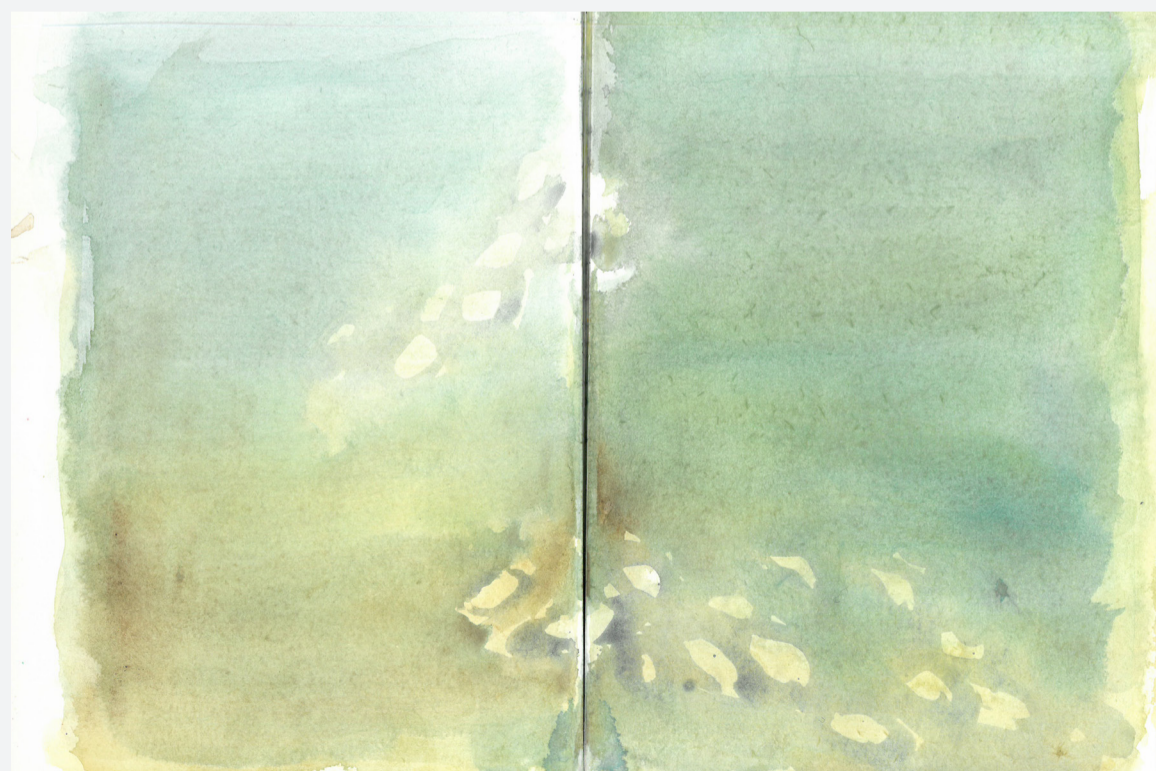
O Reino dos Céus é como uma aguarela

A Irmã Sandra Bartolomeu é religiosa das Servas de Nossa Senhora de Fátima

para esperar atento e disponível a sucessão dos acontecimentos e, com zeloso discernimento, decidir sobre os passos seguintes. A precipitação, essa sim, é que pode tornar vão o gesto. Sem a camada anterior secar, qualquer nova camada fica diluída na primeira, impedindo que uma e outra prosigam toda a potencialidade do seu trajeto. Camada sobre camada, os ínfimos grãos de pigmento sedimentam-se e as sucessivas transparências, antes tidas como vãs, gradualmente dão corpo à forma ou tornam manifesto a luz.

Talvez, em certo sentido, a aguarela se aproxime a um exercício de fé: crer que a fidelidade e que cada pequeno gesto feito em união com Deus, embora aparentemente insignificante, dará fruto a seu tempo, e servirá de substrato a outros, maiores ou menores. Terá sido por isso que Jesus, no evangelho de Marcos compara o Reino dos Céus à semente lançada à terra, que cresce e dá fruto a seu tempo?

Na aguarela como na vida, tudo tem o seu tempo próprio. Quer a precipitação, quer a demora têm consequências que marcam. Im-



porta, por isso, que cada passo, embora transparente, seja discernido, tenha a força de sonho e recorra à memória – essa cadeia de sucessivos feitos, que juntos nararam uma história à qual importa

acrescentar sentido.

O silêncio é, para esse fim, condição sine qua non. É o silêncio orante que permite a atenção do coração a cada coisa, aos sinais dos tempos e ao Espírito Santo. É Ele,

força continuamente criadora, que clarifica e aponta a direção a tomar e pode fazer dos nossos atos transparentes, gestos translúcidos, por onde passa misteriosamente a presença amorosa de Deus.

A guerra ou ausência de paz lida a partir da mensagem de Fátima

FÁTIMA
e os PAPAS



Na aparição de julho a questão aparece de forma clara ligada às “ofensas a Deus”. A questão da guerra é quase tão incontornável na Mensagem como é a da paz. “(...)Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus, no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabeis que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre(...), relata Lúcia nas suas Memórias.

Carmo Rodeia.

Se na primeira aparição Nossa Senhora recomenda aos três videntes que rezem o terço todos os dias para “alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra”, a 13 de julho, a Senhora, que haveria de ser descrita como mais brilhante que o sol, é peremptória anunciando-lhes o caminho para o fim próximo do conflito: “se cessarem as ofensas a Deus” a guerra terminará; caso contrário um outro conflito “ainda pior” inquietaria a humanidade. Em outubro a promessa é clara e explícita: o fim da guerra está próximo como para breve está, também, o regresso dos militares portugueses.

A comparação da guerra ao pecado, ou mais tarde à ausência de Deus, quando se fala da necessidade de conversão da Rússia (uma metáfora dos regimes ateístas emergentes) surge como uma das marcas mais impressionantes da mensagem de Fátima e o convite à oração e à conversão dos corações insere-se no esboço “da caridade pacifista e da renúncia à violência” a que a Igreja Católica começava a aderir, como escreve José Manuel Sardica em Guerra, uma das entradas temáticas da Enciclopédia de Fátima.

Com efeito, Bento XV, que diante de um dos mais sangrentos episódios da história da humanidade, como nós a conhecemos, desenvolveu uma “diplomacia pacificadora”, encontrou em Portugal, país fortemente penalizado pela morte dos seus soldados na frente de combate durante a Primeira Guerra Mundial, e nas aparições de Fátima bem como na mensagem que delas decorreu, a narrativa que poderia sustentar esta nova atitude do Vaticano, combatendo uma visão de guerra justa que o catolicismo, até ao século XX, tinha aceiteado. Por isso, as aparições de Fátima e a mensagem clara deixada por Nossa Senhora aos três Pastinhos sobre o esforço de conversão, a necessidade permanente de oração tendo em vista a re-



paração dos pecados e a Paz, alimentaram esta renovada preocupação humanista, reforçando, por outro lado, a narrativa antibelicista da Igreja.

A insistência das perguntas sobre a guerra, que tantas vidas já tinha ceifado em Portugal; a cura dos doentes e dos estropeados; o desejo do fim das hostilidades e o regresso dos militares portugueses que combatiam na frente, foram temas dominantes no diálogo entre os três videntes e Nossa Senhora e também na própria projecção do evento de Fátima, nos relatos jornalísticos da época.

“Na medida em que as aparições se deram no ano-clímax da Primeira Guerra Mundial, coincidindo com a mudança do discurso oficial da Igreja sobre a moral da guerra, não é errado considerar que Fátima foi o contributo dado pelo Catolicismo português para a nova formulação que então se iniciava, da questão da paz e da guerra no seio da Igreja Católica”, refere ainda José Manuel Sardica no já referido artigo.

As referências à guerra vão depois suceder-se nos discursos dos vários Papas que vêm a Fátima. A partir de 1945, na sequência da divisão do mundo em dois grandes blocos, que marcou o

início de uma longa guerra-fria, Fátima passou a ser uma referência inspiradora para a doutrina antibelicista da Igreja, de que os Papas se fizeram mensageiros, comparando a guerra ao pecado, e à condenação eterna, e a paz um fruto da oração e do triunfo do plano salvífico de Deus para a humanidade, que tão bem foi apresentado às três crianças de Fátima.

Recorde-se as referências contra a guerra na encíclica *Pacem in Terris* (de 1963, onde João XXIII definiu a guerra como algo “alienum est a ratione”, afirmando que seria irrazoável pensar que pudessem resolver os problemas) ou na constituição conciliar *Gaudium et Spes*, nas quais o Vaticano não hesitou em condenar a corrida desenfreada ao armamento.

Todos recordamos as palavras de Paulo VI em Fátima, em 13 de maio de 1967, a favor da paz num momento “de grave situação histórica da humanidade”, marcada pela posse “de um grande arsenal de armas terrivelmente mortíferas”, em que o “progresso moral não iguala o progresso científico e técnico” do homem. E, o Pontífice lançou, então, a partir de Fátima, um apelo que ressoou em todo o mundo: “Homens dizemos neste momento

singular, procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens sede homens. Homens sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do Mundo. Homens sede magnânimos”.

Com João Paulo II sedimentou-se este apelo cristão à não-violência. A forte ligação pessoal que tinha com a Virgem de Fátima, por causa do atentado que sofreu e da sua vida ter sido poupada, mas também a questão da conversão da Rússia, desenvolvida no Segredo, trouxeram várias vezes a mensagem de Fátima para as suas alocuções. Uma delas, a 13 de maio de 1991, João Paulo II referia-se à série de acontecimentos que tinham ocorrido a leste para sublinhar o alcance profético da mensagem cristã de que Fátima fazia eco.

“De coração profundamente comovido e maravilhado diante do plano criador e salvífico de Deus para realizar a plenitude a que Ele nos chamou, Eu, Peregrino convosco dessa Nova Jerusalém, vos exorto, queridos irmãos e irmãs, a acolher a Graça e o Apelo que neste lugar se sente mais palpável e penetrante, no sentido de ajustarmos os nossos caminhos aos de Deus(...) Nestes homens do século XX, revelou-se com igual grandeza, quer a sua

capacidade de subjugar a Terra, quer a sua liberdade de fugir ao mandamento de Deus e de o negar, como herança do seu pecado. A herança do pecado mostra-se como uma louca aspiração de construir o mundo - um mundo criado pelo homem -, “como se Deus não existisse”. E também como se não existisse aquela Cruz no Gólgota, onde “Morte e Vida se enfrentaram num duelo singular”, a fim de se manifestar que o amor é mais poderoso do que a morte, e que a glória de Deus é o homem vivo”.

Mais recentemente, em consonância com os seus antecessores, Francisco confirma a inadmissibilidade da teoria da guerra justa diante do poder das novas armas, que condena liminarmente.

“O mundo, a política e a opinião pública correm o risco de se acostumar ao mal da guerra, como companheira natural da história dos povos, mas as dores da guerra são agravadas também pela pandemia do Coronavírus e pela impossibilidade, em muitos países, de ter acesso aos tratamentos necessários”.

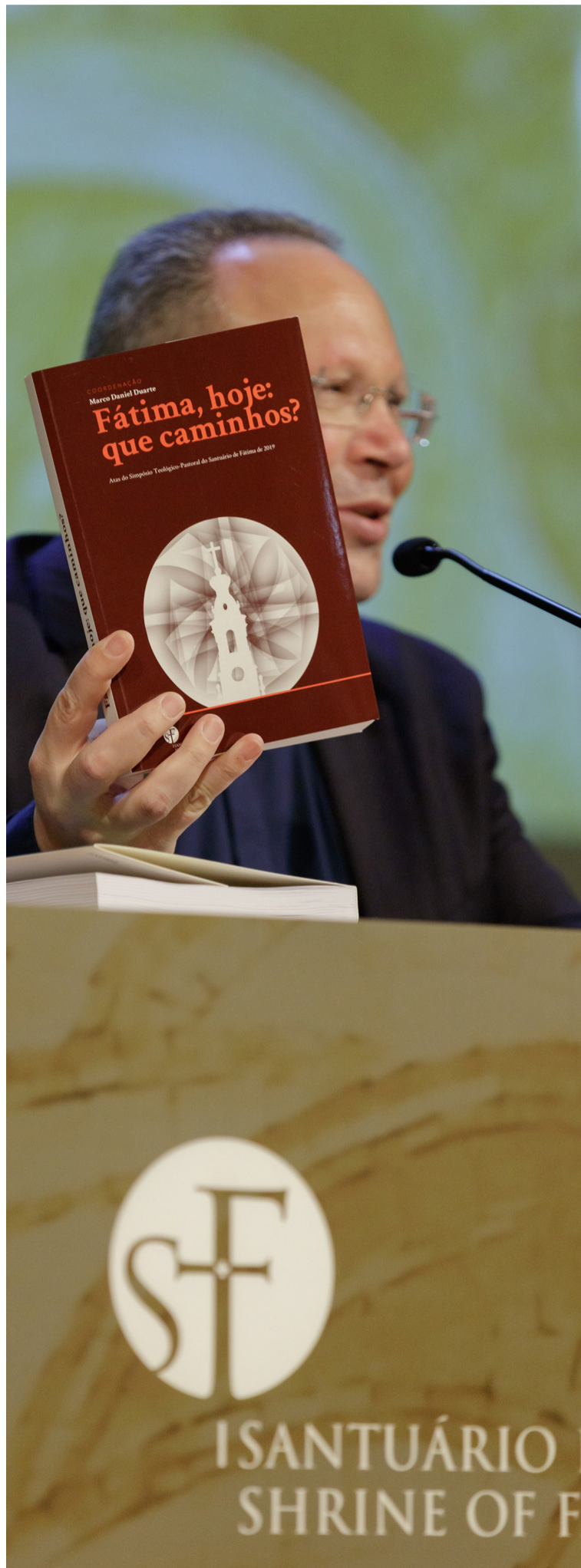
O tema tratado na encíclica *Fratelli Tutti*, nos parágrafos 256 a 262 do sétimo capítulo dedicado aos caminhos da paz para um novo encontro, o Papa diz que a guerra é a negação de todos os direitos e uma dramática agressão ao meio-ambiente.

Se se quiser um verdadeiro desenvolvimento humano integral para todos, refere Francisco, é preciso continuar incansavelmente no esforço de evitar a guerra entre as nações e os povos (257). Não podemos pensar na guerra como solução; é muito difícil sustentar os critérios racionais amadurecidos noutros séculos para falar duma possível “guerra justa”. Guerra nunca mais (258) O objetivo final da eliminação total das armas nucleares torna-se tanto um desafio, quanto um imperativo moral e humanitário (262).

Atas do Congresso Internacional do Centenário de Fátima: Leituras interdisciplinares estão disponíveis

Publicação foi editada em dois volumes, com textos de 43 autores, de diferentes áreas de estudo.

Cátia Filipe



As Atas do Congresso Internacional do Centenário de Fátima Pensar Fátima. Leituras interdisciplinares estão disponíveis.

Esse congresso, com cerca de 500 participantes, ocorrido em junho de 2017, desafiou os investigadores de diferentes áreas do saber a pensar sobre o fenómeno e a mensagem de Fátima numa perspectiva interdisciplinar. Esta iniciativa foi organizada em colaboração com a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, no seguimento dos simpósios já promovidos no âmbito do Centenário das Aparições de Fátima, e estudou Fátima a partir de diferentes prismas, da História à Teologia, da Sociologia à Psicologia, da Arte e do Património.

Foram sete as áreas científicas em destaque neste congresso: Fátima e as dinâmicas sociais; Fátima na perspectiva da fenomenologia religiosa; a História de Fátima; Mariologia nas fontes escritas de Fátima; Fátima e as linguagens profética e apocalíptica; a Espiritualidade e a Teologia de Fátima e a presença de Fátima ao longo de 100 anos.

Este trabalho, deu origem agora à publicação que se apresenta em dois volumes, 945 páginas, com textos de 43 autores de diferentes áreas de estudo. A coordenação esteve a cargo de Marco Daniel Duarte, responsável pelo Museu e Departamento de Estudos do Santuário de Fátima, e de Pedro Valinho Gomes, teólogo e investigador.

Na apresentação os responsáveis asseguram que o congresso “estruturou os seus conteúdos firmados em vários eixos que pretenderam apresentar sùmulas reflexivas a partir de áreas estruturantes para o estudo de Fátima e novas pesquisas, algumas mais ensaísticas e abertas a abordagens menos expectáveis”.

Os textos publicados na língua original em que foram proferidos “manifesta a amplitude da geografia de Fátima no que respeita aos autores envolvidos nesta reflexão”.

Esta obra oferece ao leitor, numa primeira parte, as conferências plenárias do congresso, com textos de D. António Marto, Marco Daniel Duarte, Eloy Bueno de la Fuente, José Décio Passos, Franco Manzi, Stella Morra, Alfredo Teixeira e Gianfranco Ravasi.

Na segunda parte, constam os textos das conferências paralelas

do congresso, distribuídas pelas áreas temáticas “Fátima e as dinâmicas sociais”; “Fátima na perspectiva da fenomenologia religiosa”; “História de Fátima”; “Mariologia nas fontes escritas de Fátima”; “Fátima e as linguagens profética e apocalíptica”; “Espiritualidade e Teologia de Fátima”; “Presenças de Fátima, ao longo de 100 anos”.

A celebração do centenário de Fátima foi ocasião para um olhar sobre a história do acontecer de Fátima e as suas implicações religiosas, sociais, culturais e artísticas, o impacto religioso e socio-cultural das aparições dentro e fora das fronteiras portuguesas; a influência deste fenómeno na afirmação do catolicismo português; a atenção crescente que os Papas têm dado a Fátima, projetando a mensagem a uma escala global; as chaves de leitura que Fátima oferece para um olhar sobre a atualidade são naturalmente temas que podem despertar novas investigações. Por outro lado, enquanto lugar de acolhimento de quantos o visitam, crentes ou não-crentes, o Santuário de Fátima, é espaço privilegiado de estudo de fenómenos diversos como a religiosidade popular, a peregrinação, as práticas votivas e de outras temáticas particularmente pertinentes para as ciências sociais e comportamentais.

A Comissão Organizadora deste congresso foi presidida pelo Professor João Duque, Presidente do Centro Regional de Braga da Universidade Católica Portuguesa. A Comissão Científica foi composta por 44 membros das mais diversas áreas do saber e de diferentes latitudes.

6 conferências plenárias **7** áreas temáticas

34 conferências paralelas

43 autores

44 membros da comissão científica

10 membros da comissão organizadora

945 páginas

500 participantes no congresso

2 instituições organizadoras

AGENDA

julho

26 seg	S. JOAQUIM E S. ANA, PAIS DA VIRGEM SANTA MARIA MEMÓRIA
31 sáb	S. INÁCIO DE LOIOLA, Presbítero MEMÓRIA

agosto

4 qua	VISITA TEMÁTICA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA “Os rostos que caminham: os peregrinos de Fátima” 21h15 Convívium de Santo Agostinho
11 dom	MISSA VOTIVA DO CORAÇÃO IMACULADO DA VIRGEM SANTA MARIA PRIMEIRO SÁBADO